

Educar a gratidão na perspectiva de virtude ética

Educar la gratitud desde la perspectiva de la virtud ética

Andreia Nunes de Castro
Maria Judith Sucupira da Costa Lins
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Rio de Janeiro-Brasil

Resumo

No contexto atual, a ausência de gratidão na sociedade representa um desafio para a formação da cidadania. Diante disso, esta pesquisa bibliográfica tem o objetivo de destacar as contribuições da promoção da virtude gratidão para a formação integral visando o bem-comum. A fundamentação teórica está alicerçada na Filosofia Personalista de Von Hildebrand (2023), Guardini (2023), Sucupira-Lins (2023). A metodologia utilizada consiste na hermenêutica de Ricoeur (2019) que prioriza o sentido dos próprios textos. A análise filosófica revelou que a gratidão desempenha um papel proeminente no processo educativo para a formação ética, podendo contribuir para construção de uma sociedade mais coesa.

Palavras-chave: Gratidão; Virtude ética; Cidadania.

Resumen

En el contexto actual, la ausencia de gratitud en la sociedad representa un desafío para la formación de ciudadanía. Ante esto, esta investigación bibliográfica tiene como objetivo resaltar los aportes de la promoción de la virtud gratitud a la formación integral orientada al bien común. La fundamentación teórica se basa en la Filosofía Personalista de Von Hildebrand (2023), Guardini (2023), Sucupira-Lins (2023). La metodología utilizada consiste en la hermenéutica de Ricoeur (2019), que prioriza el significado de los propios textos. El análisis filosófico reveló que la gratitud juega un papel destacado en el proceso educativo para la formación ética, y puede contribuir a la construcción de una sociedad más cohesionada.

Palabras clave: Gratitud; Virtud ética; Ciudadanía.

1. Introdução

No intuito por compreender a complexidade humana, a gratidão emerge como um tema de interesse, motivando filósofos, psicólogos e educadores a explorarem suas ramificações. As pesquisas realizadas por Montherow *et al.* (2022), ressaltam sua relevância no campo da Psicologia Positiva. No âmbito da Filosofia, gratidão ainda é pouco explorada, conforme uma busca realizada nas bases de dados Scielo e Capes utilizando as palavras-chave ‘gratidão’ e ‘filosofia’. Entende-se que há uma predominância de pesquisas que abordam o bem-estar individual em detrimento ao bem-comum. Contrários a essa visão, os filósofos personalistas, como von Hildebrand (1972, 2007) e Crosby (2023), entendem que a verdadeira felicidade está ligada aos valores éticos universais, não ao bem-estar.

Para análise da relação entre gratidão e filosofia, esta pesquisa documental se apoia na interpretação hermenêutica *ricœuriana* para apropriar-se do sentido do próprio texto. “Aquilo de que importa apropriar-se nada mais é do que o poder de desvelar um mundo, que constitui a referência do texto. Desta maneira, estamos o mais longe possível do ideal romântico de coincidir com a psique alheia” (Ricoeur, 2019, p. 129). Esse método permite uma compreensão mais profunda dos textos ao considerar as múltiplas camadas de significado.

Educar a gratidão é necessário ao confrontar manifestações de ingratidão e suas consequências adversárias para a harmonia social. Desde a mitologia grega, a ingratidão desencadeia sofrimentos, enquadrando-se no conceito de *hybris*, pode ser exemplificado pela atitude do Rei Minos ao recusar restituir o majestoso touro a Poseidon (Brandão, 1987). No dicionário de Abbagnano (2007, p.520), *hybris* significa “qualquer violação da norma da medida, ou seja, dos limites que o homem deve encontrar em suas relações com os outros homens, com a divindade e com a ordem das coisas.” Contrária à boa ordem humana, a *hybris*, é uma atitude de quem desconhece os limites humanos. Abbagnano (2007) informa que Aristóteles atribuiu um significado mais específico a esse termo, caracterizando-o como insolência, ofensas gratuitas direcionadas a outros, motivadas unicamente pelo prazer de se sentir superior. Sob essas circunstâncias, a ingratidão se revela uma questão moral, expressando desmesura, orgulho e soberba.

Diante do exposto, torna-se relevante examinar os fundamentos filosóficos que conferem à gratidão o *status* de virtude moral. As obras de von Hildebrand (2023), Crosby (2023), Guardini (2023), Sucupira-Lins (2023) e outros, oferecem uma base filosófica e

epistemológica sólida para compreender a virtude gratidão. O texto está estruturado em três seções: a primeira aborda a conexão de virtude, ética e gratidão; a segunda seção explora os conceitos de gratidão e os desafios para seu desenvolvimento; a terceira seção discute as contribuições do ensino da gratidão para a cidadania. Após, são apresentadas as considerações finais dessa análise.

2. Integrando virtude, ética e gratidão

A origem etimológica da palavra gratidão remonta ao latim, derivada de ‘gratia’, que significa ‘favor’, e ‘gratus’, que significa ‘agradável’ (Montherow *et al.*, 2022). Gratidão está intrinsecamente ligada à virtude, compreendida como um poder transformador. Comte-Sponville (1999) explica que o conceito de virtude tem origem nos gregos, e constitui a excelência de um ser. Contudo, ao aplicar esse princípio à moral humana, a virtude não é suficiente por si só, porque a excelência do ser humano adentra dimensões ontológicas influenciadas pela subjetividade.

Aristóteles (384-322 a.C., 2014) definiu virtude (*aretê*) como excelência do comportamento humano relacionada à habilidade de agir de maneira equilibrada e racional, que se manifesta na conduta ética. Importa esclarecer que para Aristóteles (Livro II, Capítulo 3, 1104b1), a razão por si só não é suficiente: “a virtude moral diz respeito a prazeres e dores que acompanham nossas ações.” O estagirita ressalta o perigo da paixão descontrolada, afirmando que a virtude moral pede a moderação. Corroborando com a visão aristotélica, von Hildebrand (2007) pontua que a excelência do ser humano está relacionada à capacidade de transcender paixões e impulsos. A moral exige autodomínio, proveniente de uma avaliação da própria conduta. Para ambos os filósofos, virtude ética é uma disposição adquirida orientada para a prática do bem, configurando-se como o próprio bem. Em conformidade com a concepção aristotélica, a virtude não é inata, mas aprendida. O *habitus* e o *éthos* desempenham papéis fundamentais na busca pela excelência humana. O desenvolvimento de um *habitus* marcado por práticas de virtudes éticas, forma o *éthos* que orienta a conduta em direção à excelência. Consequentemente, o *habitus* serve de base para a qualidade do *éthos* para que a excelência humana seja construída e manifestada.

MacIntyre (2001) e Ricoeur (1991) destacaram o papel da narrativa na aquisição da ética sob uma perspectiva filosófica e epistemológica. Ambos consideram que as narrativas não são simples relatos cronológicos, são histórias pessoais que têm o poder de moldar o ser e o mundo. A narrativa exerce influência prescritiva ao representar ideais éticos. MacIntyre

(2001) afirma que ser virtuoso é o caminho para uma nova cultura. Nesse itinerário, “o conceito de um eu cuja unidade reside na unidade de uma narrativa que une o nascimento à vida e à morte em forma de narrativa com começo, meio e fim” (MacIntyre, 2001, p.345). A compreensão de quem somos e do significado que devemos fazer moralmente está enraizada em uma narrativa que dá existência e orienta as ações. Ricoeur (1991) explica que ao narrar experiências, reflete-se as motivações e dilemas morais subjacentes a cada decisão. Segundo o filósofo, esse processo ocorre na 'concordância discordante'.

Por concordância entendo o princípio da ordem que preside ao que Aristóteles chama 'agenciamento dos fatos'. Por concordância entendo as reviravoltas de fortuna que fazem da intriga uma transformação regulada desde uma situação inicial até uma situação terminal (Ricoeur, 1991, p.169).

A concordância discordante, é uma habilidade de integrar eventos diversos em uma narrativa, unindo elementos contrastantes como ações, intenções, causas e acasos. Ricoeur (1991) explica que essa estratégia harmoniza a dispersão episódica em uma narrativa coesa e significativa. Esse ato, nominado de *poiésis*, representa a capacidade de dar forma e sentido à experiência, influenciando diretamente a formação da identidade ética. Com base nos argumentos, a virtude gratidão constitui uma qualidade introspectiva que se exterioriza em uma resposta ética decorrente da dignidade inerente da pessoa.

2.1 Concepções de gratidão e seus *a priori*

Gratidão, conforme conceituado por von Hildebrand (2023), é uma resposta consciente e intencional de reconhecimento do valor do que foi recebido. Fundamentado na filosofia personalista, von Hildebrand afirma que o reconhecimento do Bem é o *a priori* principal para a virtude da Gratidão. “Assim como a esperança, a resposta afetiva da Gratidão implica uma confiança tácita em um Deus benevolente e todo-poderoso, mesmo por parte daqueles que ainda não O encontraram” (Von Hildebrand, 2023, p.1, tradução nossa). Existe uma relação entre gratidão e fé em algo superior que orienta as ações humanas. Baseado nesse princípio, von Hildebrand (1972, 2007, 2023) concebe gratidão como uma resposta ética intencional que reconhece tanto a dependência quanto a fonte dos benefícios. Desta maneira, distancia a virtude de uma reação emocional ou ato de gentileza.

O papel do bem objetivo para a Pessoa é claramente evidente em nossa *intentio benevolentia* em relação às pessoas que amamos. Desejamos fazer o amado feliz, queremos cobri-lo de benefícios, fazer tudo pelos seus melhores interesses. Não perguntamos o que irá satisfazê-lo subjetivamente, mas sim o que é objetivamente bom para ele (Von Hildebrand, 1972, p.59, “tradução nossa”).

A expressão 'objetivamente benéfico' se refere à ação ou intenção de fazer o *bem*, alinhado a padrões objetivos de valor. É uma decisão consciente pelo bem-comum, baseada em critérios éticos, evitando preferências subjetivas em busca da felicidade pessoal. Não obstante, convém lembrar, que a felicidade para Aristóteles (séc. IV a.C., 2014) e von Hildebrand (1972) está associada à vida em sociedade, advinda da prática das virtudes éticas para promoção do bem-comum. Nesse ponto, von Hildebrand (2023), afirma que a consciência da própria existência é necessária à gratidão. O termo consciência ou espírito consciente, significa uma atitude de autorreflexão e busca interior (Abbagnano, 2007). Por essa interpretação, a manifestação da gratidão advém de uma atitude deliberada e intencional de reconhecimento da *bem* presente em todos os aspectos da vida. Na análise de von Hildebrand, a pessoa consciente responde adequadamente aos valores objetivos, como beleza, verdade e justiça.

A importância vital da capacidade de apreensão de valores torna-se clara à luz do facto de que o valor é o cerne do ser. Uma pessoa incapaz de apreender valores e compreendê-los como valores não é uma pessoa real. Sem a compreensão dos valores, o cerne do diálogo entre sujeito e objeto torna-se impossível e a plena transcendência do conhecimento torna-se inexistente (Von Hildebrand, 2023, p.2, “tradução nossa”).

Uma pessoa que não apreende os valores objetivos não alcança a plena humanidade, dado que são valores que orientam o comportamento ético individual e do grupo. A captação fortalece o senso de pertencimento, em razão de compartilharem valores e significados semelhantes. A consciência, conforme von Hildebrand (2023, p.15, tradução nossa), constata “o dom fundamental do amor que o outro nos oferece, sobre o qual se baseia toda a relação, é uma dádiva que não se compara ao maior dos benefícios.” O amor autêntico se assemelha à bondade, pois prioriza o benefício do outro. Reflete a perfeição moral. Em relação aos dons, Sucupira-Lins (2023) classifica o amor o maior entre todos os demais. A interpretação da filósofa de amor é análogo ao conceito de von Hildebrand (1972): o amor não é uma mera emoção, mas sim uma resposta de valor, um componente moral associado à generosidade. O amor é a fonte primária de todas as dádivas e benefícios que recebemos.

Para examinar os elementos que contribuem para a expressão da gratidão, identificamos o tempo, a memória e a atenção. Agostinho de Hipona (354 – 430, 1996) entende o tempo não apenas como uma medida linear, mas uma entidade presente na mente humana, enraizada na consciência e memória. Segundo Agostinho de Hipona, a memória é uma ferramenta de autodescoberta e introspecção, que permite acessar e refletir as

experiências. Na leitura de Grossi e Ferreira (2001, p.21): “Pensar o tempo pode ser traçar linhas que configurem a singularidade de cada um, mas que também revelem o coletivo que passeia por esse trajeto.” A memória é comparada a uma fronteira em constante redefinição, onde se criam cenários que representam as experiências. Pode ser lenta e dolorosa penetrar na memória, especialmente quando confrontada com lembranças que causam desonra, impotência ou perda. Recordar serve como pontos de reflexão para avaliar o vivido à luz dos valores éticos. Para Comte-Sponville (1999) é dever da memória cultivar a piedade e gratidão pelo passado. O filósofo sublinha que memória não é um registro neutro, mas um meio de reverenciar e apreciar os benefícios recebidos.

A ênfase na atenção à gratidão tem como base a concepção de atenção paciente de Murdoch (2013). Esta habilidade cognitiva desencadeia uma disposição moral na interação com o mundo. Representa a capacidade de se concentrar de forma prolongada em questões éticas. Para Murdoch (2013, p,17): “O pensamento e a intenção devem estar dirigidos para questões visíveis específicas, ou então são meros devaneios. A ‘realidade’ está potencialmente aberta a diferentes observadores.” A atenção paciente enxerga o mundo além das aparências superficiais para estabelecer relações com base na realidade.

É claro que a virtude é um bom hábito e um ato de obediência. Mas a condição de fundo de tal hábito e de tal ato, nos seres humanos, é um modo de visão justo e uma boa qualidade de consciência. É uma tarefa e ver o mundo como ele é. Uma filosofia que deixa o dever sem contexto e exalta a ideia de liberdade e poder como um nível separado de valor ignora sua tarefa e obscurece a relação entre virtude e realidade (Murdoch, 2013, p. 125-126).

A virtude não é apenas um hábito ou um ato de obediência, mas também uma questão de ter uma visão justa da realidade, situando o dever dentro desse contexto. Para Murdoch, uma filosofia que desvincula o dever do contexto, e coloca a liberdade e o poder como entidades independentes, obscurece a relação entre virtude e verdade. A prática da atenção é um indício de erudição, sensibilidade e compreensão da realidade.

Ampliando a perspectiva de análise, Guardini (2023) sustenta que gratidão ocorre sob três condições: entre pessoas, no âmbito da liberdade e na atitude reverente.

A gratidão só pode existir entre um ‘eu’ e um ‘tu’. Assim que a consciência da qualidade pessoal desaparece e a ideia do aparelho prevalece, a gratidão morre. A gratidão só pode existir no reino da liberdade. Assim que surge um ‘must’ ou uma reivindicação, a gratidão perde o sentido. A gratidão só pode existir com reverência. Se não houver respeito mútuo, a gratidão perece e se transforma em ressentimento (Guardini, 2023, p. 100, “tradução nossa”).

Gratidão só é possível nas relações interpessoais. Por essa razão, virtude não se limita a uma experiência interna; mas consiste em uma resposta afetiva direcionada ao outro. Expressar gratidão a leis, conselhos ou empresas é inadequado. Em tais situações, o agradecimento é apenas uma convenção social em conformidade com as normas de civilidade. Guardini (2023, p.101, “tradução nossa”) diz que a “gratidão não se limita à necessidade humana, podendo surgir como um reconhecimento e apreço por elementos intangíveis, como beleza, justiça e saúde”. Isso significa que o agradecimento deve ser a seus criadores, e não aos objetos em si. A preocupação do filósofo é evitar equívocos, expressando gratidão a algo que não possui intencionalidade própria.

Guardini (2023) acredita que gratidão aflora exclusivamente pela vontade, sem imposições, obrigações ou expectativas de recompensa. Se imposta, torna-se meramente polidez. A polidez é aparência de virtude; descrita como uma qualidade superficial e questionável, incapaz de substituir a verdadeira gratidão (Von Hildebrand, 2023; Guardini, 2023; Comte-Sponville, 1999). Contudo, os pensadores reconhecem que a moral começa pela polidez. “Fazemos primeiro o que se faz; depois, impomo-nos o que se deve fazer. Primeiro respeitamos as boas maneiras, depois as boas ações. Os bons costumes, depois a própria bondade” (Comte-Sponville, 1999, n. p.). Existe uma diferença entre gratidão e gentileza, já que é possível demonstrar gentileza sem necessariamente sentir gratidão. Enquanto a gentileza implica em cortesia, gratidão é uma disposição interna de reconhecimento e apreciação.

A reverência associada à gratidão, conforme Guardini (2023), inclui respeito e admiração. Representa a consciência da grandeza e da sacralidade do mundo, revelando a ligação com algo superior. Em oposição à atitude de poder e posse, a reverência rejeita o espírito prometeico, ao reconhecer sua finitude. Esclarece Lacroix (2006, p. 173): “Presto um serviço ao mundo ao me abster de brutalizá-lo e ao respeitar sua existência.” Segundo o filósofo, a pessoa que reverencia a vida tende a oferecer assistência. O acolhimento estabelece uma troca de procedimentos benéficos entre as partes, gerando um fluxo mútuo que resulta em benefício para o doador e para o receptor. Lacroix (2006, p. 173) ressalta que a disponibilidade é a condição para o fluxo mútuo: “É ao permitir que o ser seja que, paradoxalmente adquirimos a possibilidade de ser mais”. A disposição para o mundo é recompensada pelo que se recebe dele, sendo o próprio eu a ser beneficiado pela presença

Educar a gratidão na perspectiva de virtude ética

do outro. A escolha de ser disponível é um reflexo de sabedoria, demonstrando capacidade de perceber e reagir adequadamente ao contexto.

A disponibilidade requer a autoaceitação, sem a qual não é possível ser grato. Segundo Guardini (2023), a autoaceitação é ascético em sua natureza:

Devo renunciar ao desejo de ser diferente de mim mesmo, e muito menos querer ser alguém diferente de mim mesmo... devo prescindir de talentos que não me foram concedidos, para reconhecer meus limites e permanecer dentro deles (Guardini, 2023, p.90, “tradução nossa”).

Abbagnano (2007) elucidada que o termo ascético passou a ser aplicado à vida moral na medida em que a realização da virtude implica limitação dos desejos e renúncia. A renúncia é vista como uma forma de alcançar gratidão, pois exige que se coloque de lado o desejo egoísta e se reconheça o valor do outro.

Nesse interim o filósofo von Hildebrand (2023, p. 12, “tradução nossa”), afirma: “A Gratidão é uma consequência da humildade, da bondade e da verdadeira liberdade.” Esses elementos dão origem a um ciclo virtuoso. Segundo Abbagnano (2007, p. 520), a humildade foi introduzida pelo apóstolo Paulo, com a ideia de “falta de espírito de competição e de vanglória”. É uma virtude que valorizava a modéstia ao reconhecer as próprias limitações e falibilidades. Comte-Sponville (1999) e Guardini (2023) concordam que a humildade advém do reconhecimento da condição de devedores, conscientes da incapacidade de retribuir plenamente o que foi dado. Sucupira-Lins (2023) corrobora ao dizer que: “Não há gratidão se não tivermos a consciência da nossa limitação, de nossas falhas, de nossa incompletude. Tudo o que recebemos é sem nosso mérito” (Sucupira-Lins, 2023, Canal-YouTube). A consciência da ausência de mérito no tudo que se tem permite reconhecer a generosidade no outro. A conexão entre humildade e gratidão advém da consciência da dádiva do dom da vida. Dádiva é uma graça, que somente pode ser retribuída adequadamente expressando gratidão.

Crosby (2023) ao referenciar o dom da vida oferece uma instigante análise ao refutar a ideia marxista de autocriação. Utilizando uma abordagem fenomenológica, argumenta que a visão prometeica e narcisista da autonomia humana, como criador de si próprio, é insustentável. O filósofo argumenta que negar a origem da própria existência de prejudica o autoconhecimento e, por conseguinte, a gratidão. A vida é considerada um presente digno de celebração. Segundo Crosby (2023, p.19, “tradução nossa”), “por trás de toda alegria festiva suscitada por uma circunstância específica deve haver uma afirmação absolutamente universal que se estenda ao mundo como um todo, à realidade das coisas e à existência do

próprio homem”. Existe um valor na existência humana independente de circunstâncias específicas. “Tal afirmação não se conquista fechando deliberadamente os olhos aos horrores deste mundo. Ao contrário, prova a seriedade através do seu confronto com o mal histórico” (Crosby, 2023, p.20, “tradução nossa”). Expressar gratidão apesar do sofrimento não significa otimismo ingênuo ou aprovação presunçosa das situações, mas está relacionado à capacidade humana de avaliar as ações de maneira objetiva. É uma atitude equilibrada de extrair algo positivo mesmo em meio às adversidades. Por uma espécie de paradoxo, mesmo diante de situações extremas é possível ver generosidade, compaixão e coragem, o que resultam em esperança e admiração.

A habilidade de admirar demonstra a resiliência intelectual ao conferir sentido à vida. Lacroix (2006) observa um culto às emoções trepidantes na sociedade atual, o que favorece uma vida frenética e individualista. Opondo-se à essa cultura, argumenta que o pleno desenvolvimento humano dar-se-á mediante o despertar da admiração. Lacroix (2006, p. 187) diz: “Admirar associa o louvor próprio do deslumbramento ao sentimento de gratidão, ao tremor religioso e à ação de graças. O homem tomado de admiração como que agradece ao mundo por este lhe fornecer um determinado objeto.” O filósofo baseia-se em duas teorias para associar admiração à gratidão: i) no existencialismo de Gabriel Marcel, que relaciona admiração à revelação e transcendência. Admirar é mais do que uma apreciação estética; é também uma expressão de agradecimento pelo que o mundo proporciona ao espírito e intelecto; ii) no pensamento heideggeriano ‘*Denken ist Danken*’ - pensar é agradecer. A compreensão da realidade pelo intelecto desperta um sentimento de gratidão ao captar a verdade. Blondel (1993), ao conceituar admiração, diz que Ollé-Laprune

Viu na admiração o impulso moral da filosofia, a alma da educação, o viático da vida espiritual, a recompensa final de um amor da verdade, como ela fora dele o seu começo e a sua atração: o papel que outros atribuem à curiosidade, à inquietação, ele faz com que seja desempenhado por este sentimento de alegria confiante que desabrocha o ser na posse sempre acrescível de uma realidade infinitamente rica e boa (Blondel, 1993, p. 30)

O fragmento destaca que a admiração é crucial para a filosofia, educação e vida espiritual. Ela recompensa com uma alegria confiante, levando pessoa a explorar um mundo rico e infinito. No mesmo raciocínio, Sucupira-Lins (2023) afirma que a admiração leva à transcendência ao possibilitar enxergar a vida além das preocupações ordinárias. Em vista dessas conceituações, entendemos que admirar é o valor dado a algo maior do que si próprio, evidenciando um momento de intensa realização intelectual e espiritual.

Na Psicologia Positiva, gratidão é uma expressão emocional ou traço afetivo. Nesse sentido, a gratidão é volátil e variável, condicionada ao estado de humor. Essa corrente psicológica relaciona a prática da gratidão à benefícios para o corpo e mente. (Howells, 2014). Contudo, os psicólogos McCullough *et al.* (2001) acreditam que a gratidão possui um componente moral que influencia as decisões visando o bem-estar. Entendem que a gratidão desempenha três funções morais: 1. barômetro moral, medindo o aumento do bem-estar em resposta a ações morais; 2. motivador moral, impulsionando o auxílio; e 3. reforçador moral, fortalecendo e incentivando ações benevolentes realizadas pelos benfeitores. Embora os pesquisadores reconheçam a expressão emocional da gratidão como altamente moral e pró-social, sob a perspectiva filosófica personalista, somente enquanto virtude ética a gratidão pode ser plenamente inserida no âmbito moral. Isso porque a virtude moral não se restringe à satisfação e bem-estar, se fundamenta no bem-comum. Na distinção entre bem-estar e bem-comum, o primeiro se refere ao estado geral de satisfação pessoal, aspectos emocionais, mentais e físicos associados a uma vida saudável; bem-comum é um conceito da filosofia ética e política que se relaciona com o benefício de interesse público.

Enquanto bem-estar se concentra nas experiências e sentimentos individuais, bem-comum busca as condições que promovam prosperidade e justiça para toda sociedade. Filósofos, como Aristóteles (Séc. IV a.C.), Maritain (1967) e von Hildebrand (1972), afirmam que o bem-comum é alcançado quando os membros de uma comunidade vivem de acordo com virtudes morais, contribuindo para o fortalecimento da cidadania.

2.2 Empecilhos para o desenvolvimento da gratidão

Comte-Sponville (1999) classifica a ingratidão como um vício repulsivo, uma falha moral que expõe a mediocridade de quem negligencia a generosidade. Von Hildebrand (2023), caracteriza ingratidão como indiferença e soberba em não apreciar as bênçãos recebidas. É uma transgressão moral que compromete não apenas a integridade individual, mas também a reciprocidade na comunidade. Reciprocidade “é o princípio da conexão universal das coisas no mundo, em virtude do qual elas constituem uma comunidade, um todo organizado” (Abbagnano, 2007, p. 835). Este conceito delinea a troca equitativa de gestos, sentimentos ou ações, destacando a importância do equilíbrio no comportamento social.

Se gratidão demanda consciência e reconhecimento de valores objetivos, como amor, bondade, generosidade, liberdade, aceitação de si mesmo e humildade, os obstáculos decorrem da ausência desses elementos.

Um homem que reluta em ser grato aos outros, sentindo que isso é uma dependência pesada, ainda é escravo do seu orgulho. Quem está tão aprisionado em si mesmo que considera todos os favores garantidos carece de verdadeira consciência e liberdade. O seu desrespeito pela obrigação de agradecer, a sua insensibilidade à generosidade contida em cada dádiva, mostram também que ele próprio ainda não entrou plenamente no reino do bem (Von Hildebrand, 2023, p. 12, “tradução nossa”).

Conforme exposto, a ingratidão sucumbe ao orgulho, aprisionando a pessoa em si própria a ponto de interpretar todos os favores como direitos. Guardini (2023) observou que o cumprimento dos direitos pode converter a virtude da gratidão em uma formalidade fria e obrigatória.

Existe o perigo de que a imagem de um aparelho mecânico se torne o critério das relações humanas. A nossa sociedade e a sua vida aparecem como uma estrutura de funções em que não se trata de pedir e agradecer, nem mesmo de direitos e deveres próprios, mas apenas de funcionamento adequado. Na medida em que este conceito se torna dominante, não há, evidentemente, lugar para Gratidão (Guardini, 2023, p. 99, “tradução nossa”).

A reivindicação por direitos resulta em uma mentalidade de obrigação que transforma atos benevolentes em formalidades. A ausência de gratidão pode levar à interpretação de que a ajuda não foi valorizada, causando ressentimento por parte dos benfeitores. Cabe esclarecer que o problema não é a reivindicação de direitos; pois estes representam a expressão legal da dignidade da pessoa; um princípio que não pode ser subjetivamente relativizado. Ao criticar a reivindicação, Guardini alerta para o equívoco de as formalidades sobrepujarem as relações humanas. Outro obstáculo, de acordo com Guardini (2023), é o exibicionismo no ato de doação. Doar é um ato de oferecer algo de forma voluntária e sem esperar nada em troca. É um gesto de generosidade e solidariedade, no qual se compartilha recursos para beneficiar o outro. Quando esse gesto é feito com orgulho, com a intenção de exibir posses a pessoa em situação de vulnerabilidade, pode gerar ressentimento, pois o beneficiário reconhece sua própria necessidade, não deve haver demonstração de superioridade. No decorrer de sua análise, Guardini (2023) explora a recusa da autoaceitação ao considerar-se vítima do que é recebido da vida. A vitimização dificulta o comprometimento com as reais potencialidades. Enquanto aceitar a realidade representa autonomia, submeter-se a ela caracteriza abdicação da responsabilidade. Não se pode confundir autonomia com autossuficiência. A primeira significa poder escolher conscientemente ser grato, enquanto a outra decorre da crença de que se é independente de todos. Nessa convicção, a pessoa se fecha diante da alteridade, tornando-se indisponível para o mundo. Esse estado prejudica a manifestação da gratidão, uma vez que impede a reciprocidade.

Ainda que a autonomia seja importante para o desenvolvimento pessoal, é fundamental equilibrá-la com a capacidade de reconhecer a interdependência entre os seres humanos. Sucupira-Lins (2022, p. 1266) ensina: “a pessoa cria e se revela nos relacionamentos, no serviço ao outro, nas artes, na tecnologia, em todos os momentos da vida.” Por esse entendimento, a autossuficiência restringe o crescimento intelectual e espiritual, encerrando a pessoa em si mesma. Entendido dessa maneira, autonomia e autossuficiência são similares. Nesse aspecto, Lacroix (2006) diz:

Reconheçamos ser inacabados, incompletos, consistamos em ser porosos, permeáveis, receptivos ao encontro, e o mundo deixará uma impressão em nós. É muito mais a heteronomia do que da autonomia que expande a sensibilidade (Lacroix, 2006, p. 178).

O eu não é intrinsecamente rico, mas se enriquece com o que recebe do mundo, ao se abrir para a exterioridade. A vida intelectual e espiritual desenvolve plenamente nas interações, em uma relação que exige a reciprocidade para que haja a coesão social. Trata-se de uma relação baseada na confiança e respeito mútuo. Segundo McCullough *et al.* (2001), violar a norma de reciprocidade pode ser interpretado como ingratidão, já que essa norma se baseia na expectativa de retribuição dos benefícios concedidos. De acordo com a pesquisadora Howell (2012), existem dois obstáculos para a gratidão: Primeiro, no ambiente acadêmico os estudantes são incentivados a adotar um pensamento crítico, identificando falhas em trabalhos alheios. A cultura crítica dificulta a gratidão, pois enfoca mais em encontrar erros do que em valorizar as contribuições. Segundo, a cultura de competição entre pares pressionando por desempenho. Essas situações causam instabilidade e desconfiança nas relações sociais, percebidas como um jogo implícito que banaliza a manifestação da gratidão. Surge uma coerção sutil que inibe o agradecimento por temer ser interpretado desprovido de senso crítico.

Partindo do princípio de que a interação humana é um encontro entre pessoas com interesses comuns, a gratidão é como um fio que entrelaça as relações sociais. Essa virtude desempenha um papel fundamental na coesão social, criando um ambiente de confiança e respeito mútuo. Sua ausência enfraquece os laços sociais, rompendo a conexão humana. Por isso, a Educação pode propiciar um ensino que garanta ao aluno o desenvolvimento ético para o exercício da cidadania.

2.3 Gratidão como experiência formativa

O aprimoramento do estudante, conforme a Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, Art. 35, inciso III (Brasil, 1996), inclui formação ética, autonomia intelectual e pensamento crítico. A ética guia o pensamento crítico na análise moral, possibilitando a reflexão sobre as implicações éticas das ações, que por sua vez, promove a autonomia intelectual para decisões independentes. Diante dessa interação, é pertinente identificar a Filosofia da Educação coerente. As pesquisadoras Sucupira-Lins e Rates (2022, p.32) oferecem uma análise arguta: “A pessoa é o centro e a razão de ser da cultura e conseqüentemente de tudo que nela existe, incluindo a escola, instituição criada para ela e a seu serviço.” O conceito de pessoa é caracterizado por sua singularidade, capacidade cognitiva, consciência, afetividade, liberdade e interação com o ambiente. Na filosofia personalista, pessoa é reconhecida por seu valor intrínseco devido à dignidade, autonomia e responsabilidade ética. A Educação ao adotar essa filosofia, coloca o aluno no cerne do processo educacional visando a formação integral.

Embora essa formação possa ser desafiadora, é possível ensinar virtudes, incluindo a gratidão. Os estudos da Psicologia Positiva mostram que intervenções práticas contribuem para o bem-estar geral. Trazemos para exemplificação as intervenções de Montherow *et al.* (2022), Froh, Miller e Snyder (2007), Callaghan (2015), Gottlieb e Froh (2019), Polak e McCullough (2006), Morgan, Gulliford e Carr (2015). De acordo com a revisão crítica de Montherow *et al.* (2022), as intervenções práticas são predominantemente realizadas com crianças e adolescentes. Abrangem atividades de listagem de ações pelos quais se é grato; solicitação de agradecimentos, escrita de diário e exposição dos efeitos da gratidão. Essas práticas mostram resultados positivos na saúde mental e no bem-estar psicológico. Visavam o desenvolvimento da empatia, colaboração em sala de aula e convivência saudável. A pesquisa de Froh, Miller e Snyder (2007), utilizou-se de escrita de Diário de Gratidão e redação de cartas de agradecimentos. Segundo os pesquisadores, houve aumento do otimismo, satisfação com a vida e redução do afeto negativo. Pesquisa semelhante conduzida por Callaghan (2015), analisou como a gratidão influencia o desempenho acadêmico em crianças de seis anos. Os resultados indicam que o ensino da gratidão contribui para a criação de ambientes escolares mais acolhedores e para o aumento do engajamento dos alunos na aprendizagem. Polak e McCullough (2006) exploraram a possibilidade de a gratidão diminuir os efeitos negativos do materialismo no bem-estar psicológico. O materialismo é conceituado como uma “orientação de valor que defini o conjunto de objetivos, crenças e comportamentos culturais baseada no consumo” (Polak e McCullough, 2006, p.343,

“tradução nossa”). Os resultados sugerem que a gratidão promove a valorização do que já se possui, diminuindo o desejo por bens supérfluos. A mudança de perspectiva resulta em maior bem-estar e melhoria na qualidade de vida.

Contudo, Morgan, Gulliford e Carr (2015, p. 20, “tradução nossa”) afirmam ser importante ensinar a avaliar criticamente a gratidão, pois a “manifestação pode carregar a intenções negativas, como sentimentos de endividamento, culpa e constrangimento.” O endividamento refere à possibilidade de que a manifestação da gratidão gera sentimento de obrigação ou dívida moral. Guardini (2023) identificou os aspectos negativos da gratidão: (i) A gratidão pode ser percebida como uma obrigação social, em que as pessoas a se sentem pressionadas a expressá-la mesmo quando não o desejam genuinamente. Isso pode gerar sentimentos de falsidade e desconforto. (ii) Há situações em que a gratidão é usada para manipular a pessoa, obrigando-a a agir de determinada maneira para receber a aprovação dos outros. (iii) A ênfase excessiva na gratidão pode levar as pessoas a suprimirem emoções negativas legítimas, como raiva, tristeza ou frustração, em nome de manter uma atitude grata. (iv) Expressar gratidão pode gerar um sentimento de dívida afetiva, levando as pessoas a se sentirem obrigadas a retribuir de alguma forma, mesmo que não desejem fazê-lo. Por isso, McCullough et al. (2001) advertem que o esforço de ensinar gratidão pode ser ineficaz ou controlador, visto que a gratidão é espontânea.

No campo da psicologia, intervenções de gratidão visam aprimorar a saúde mental, bem-estar e qualidade de vida. Entretanto, sob a perspectiva da virtude ética, tais intervenções não abrangem a formação humana integral, porque o cultivo da gratidão autêntica necessariamente requer a prática de outras virtudes. Como orienta Maritain (1968, p. 26:) “Primeiramente formar o homem, dirigir o desenvolvimento dinâmico pelo qual ele vem a ser homem.” A humanidade, em Maritain, não é algo estático ou pré-determinado, mas algo que é construído e aprimorado ao longo do tempo, por meio da ética. Trata-se de promover uma Educação de acordo com Sucupira-Lins (2022a, p. 1254):

Que ultrapassa os limites da escolarização, por mais alto que seja o nível atingido nesse processo social sistemático, de modo que alcance a plenitude de sua humanidade. É preciso, em primeiro lugar, conceituar o ente e sua existência.

Educar abrange conteúdos e métodos, mas principalmente, formar a cidadania, o que requer colocar o aluno no centro da prática educativa, conforme proposto por Sucupira-Lins (2022a). A centralização do aluno no processo educacional não retira a autoridade do professor nem estabelece uma autonomia infanto-juvenil. A pesquisadora questiona teorias

educacionais que atribuem ao docente apenas o papel de organizador do ambiente pedagógico, encarregando ao aluno a condução do processo de aprendizagem, desenvolvendo-o segundo seus interesses. Aquino (2014, p. 76) afirma que a inversão de papéis é um movimento perigoso porque emancipa a autoridade docente e “instaura um governo tirânico do grupo de crianças”. Para Aquino, a ausência da convicção na potência transformadora da docência, esvazia a Educação de sentido, de força e de efeito. Em relação à autoridade docente, Arendt (2016, p. 244) assevera: “[...] é de seu ofício servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado.” Uma sociedade que se pretenda ética, não pode transferir a responsabilidade de educar os mais jovens a eles próprios.

Na dimensão ético-política, a autoridade docente assume a responsabilidade de fomentar entre os alunos uma sólida efervescência intelectual e ética. Isso significa formar o caráter do estudante. A prática não deve se basear no emotivismo, pois obstrui a formação ética ao comprometer a capacidade de uso da razão. “Emotivismo é a doutrina segundo a qual todos os juízos valorativos e, mais especificamente, todos os juízos morais não passam de expressões de preferência, expressões de sentimento” (MacIntyre, 2001, p. 30). Não existe uma fórmula nem um programa educacional que garanta a formação do caráter, o que se sabe é que deve ser um ensino que priorize o intelecto, conforme orienta Sucupira-Lins (2022a). Vemos em Arendt (2016, p. 246-247) pensamento semelhante: “Não se pode educar sem ao mesmo tempo ensinar; uma educação sem aprendizagem é vazia e, portanto, degenera, com muita facilidade, em retórica moral e emocional.” A autora questiona a priorização das atividades extracurriculares em detrimento do aprendizado curricular, o que resulta em um simulacro educacional.

No diagnóstico de Sucupira-Lins (2022a) para alcançar a formação integral é necessário formar o caráter para que o processo educacional seja adequado ao tempo presente. Com esse objetivo, é imprescindível questionar as concepções de homem e sociedade que influenciam o currículo e a pedagogia, e calcar a prática no “diálogo e no exemplo [...], já que virtudes são constituintes típicas do caráter e, por isso, precisam ser aprendidas e vivenciadas.” (Sucupira-Lins, 2022a, p. 1262). Na prática, ensinar ética das virtudes, incluindo a gratidão, requer: 1. Tratar o aluno enquanto pessoa, confirmando sua individualidade, dignidade e potencialidades. 2. Valorizar a autoridade docente. 3. Compreender realidade do mundo e da cultura. 4. Prática docente rigorosa e generosa.

O ensino da gratidão, não deve ser abordado apenas como um traço individual para promover felicidade, mas sim como uma escolha consciente em benefício do bem-comum. De outra forma, desvirtuaria os fins da Educação e deixaria o alunado despreparados para enfrentar as complexidades do mundo contemporâneo.

3. Considerações finais

No desenvolvimento dessa análise foi observado que a gratidão impacta diretamente na coesão social, porque fortalece os vínculos entre as pessoas, promovendo um ambiente de confiança e respeito. Por extensão, é capaz de transformar a vida interior em vida espiritual. Desse modo, confirma-se que a ingratidão está associada à *hybris*, trazendo consequências adversas: emocionais, sociais e existenciais. Nesse contexto, é importante promover a virtude da gratidão como um compromisso moral em reconhecer os benefícios recebidos. Assim, o ensino da gratidão contribui significativamente para o desenvolvimento do bem-comum.

Alicerçadas na ideia de que a virtude gratidão contribui para a formação da cidadania, sugerimos que as escolas adotem a filosofia Personalista para promover atitudes virtuosas. O Personalismo oferece uma visão holística do ser humano ao priorizar sua dignidade e reconhecer que o desenvolvimento intelectual é imprescindível para uma conduta ética. Ao integrar a gratidão na prática escolar, os alunos podem se tornar cidadãos mais responsáveis, éticos e solidários. Sem a experiência da virtude, o ensino pode se restringir a uma mera troca de informações, o que compromete a integridade ética e política do docente. Nessa perspectiva, é necessário adotar uma postura docente rigorosa, estabelecendo parâmetros de conduta para alunos e professores, sem buscar agradar ou fomentar admiração pessoal. O foco deve permanecer no aluno, que é a razão de existir da escola. Entendemos agradar como fugir do rigor científico. No sentido da teoria da comunicação é algo necessário ao relacionamento pedagógico agradável.

É importante esclarecer que não há oposição às intervenções práticas para cultivar a gratidão. O questionamento está na ausência das virtudes éticas que são *a priori* para manifestação da gratidão. Portanto, tão importante quanto decidir pela inclusão do ensino da gratidão é analisar o significado e as nuances culturais presentes em sua expressão. O tratamento pedagógico dado à virtude gratidão tem repercussões diretas na formação dos estudantes, mas é preciso que esse trabalho seja construído sobre fundamentos filosóficos sólidos.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio da Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- AQUINO, Julio Groppa. **Da autoridade pedagógica à amizade intelectual: uma plataforma para o éthos docente**. 1. ed. São Paulo, Cortez, 2014.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo, Perspectiva, 2016.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. São Paulo: Edipro, 2014.
- BLONDEL, Maurice. Admiração. In: Lalande, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. Tradução Fátima Sá Correia. et al. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- CALLAGHAN, Vanessa. Beyond good manners: Gratitude and student engagement in lower elementary. **Master's Thesis**. St. Catherine University St. Paul, Minnesota 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/18763354/Beyond_Good_Manners_Gratitude_and_Student_Engagement_in_Lower_Elementary. Acesso em: 16 nov. 2023.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: http://www.pfilosofia.pop.com.br/03_filosofia/03_03_pequeno_tratado_das_grandes_virtudes/pequeno__tratado_das_grandes_virtudes.html. Acesso em: 7 out. 2023
- CROSBY, John F. Evolutionism and the Ontology of the Human Person: Critique of the Marxist Theory of the Emergence of Man. **Gratitude Compiled Readings**. Thirteenth Annual Summer Seminar, Franciscan University of Steubenville, 2023, p. 53-59.
- FROH, Jeffrey J.; MILLER, David N.; SNYDER, Stephanie F. Gratitude in Children and Adolescents: Development, Assessment, and School-Based Intervention. **Fórum de psicologia escolar**, v. 2, ed. 1, p. 1-13, 2007.
- GROSSI, Yonne Souza; FERREIRA, Amauri Carlos. Somos seres de um dia só. **Cadernos de história**, Belo Horizonte, v. 6, n. 7, jul., p. 20-29, 2001.
- GUARDINI, Romano. On the Acceptance of Oneself. **Gratitude Compiled Readings**. Thirteenth Annual Summer Seminar, Franciscan University of Steubenville, 2023, p.89-90.

Educar a gratidão na perspectiva de virtude ética

HOWELLS, Kerry. **Education and gratitude**. 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/73162290/Gratitude_in_Education. Acesso em: 07 nov. 2023.

LACROIX, Michael. **O culto da emoção**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MACINTYRE, Alasdair. **Depois da virtude: um estudo em teoria moral**. Trad. de Jussara Simões. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MARITAIN, Jacques. **Rumos da Educação**. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

MCCULLOUGH, Michael E.; KILPATRICK, Shelley D.; EMMONS, Robert A.; LARSON, David B. Is Gratitude a Moral Affect? **Psychokogical Bulletin**, v.127, n. 2, p. 249-266, 2001.

MONTHEROW, Shashintha; VIDYA. N; RAJU, Ramaa. **A Critical Review of Gratitude Intervention Effectiveness on Psychological, Wellbeing**, p. 21-27, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/90300559/A_Critical_Review_of_Gratitude_Intervention_Effectiveness_on_Psychological_Wellbeing. Acesso em: 10 jan. 2023.

MURDOCH, Iris. **A soberania do bem**. Trad. Julian Fuks. São Paulo. Editora Unesp, 2013.

MORGAN, Blaire; GULLIFORD, Liz; CARR, David. Educating gratitude: Some conceptual and moral misgivings. **Journal of Moral Education**, 44, p. 1-15, 2015.

POLAK, Emily; MCCULLOUGH, Michaelis. Gratitude an Alternative to Materialism? **Journal of Happiness Studies**, 7, p. 343-360, 2006.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação – o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 2019.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro**. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

SUCUPIRA-LINS, M.J.C. Gratidão. **Canal Sucupira Lins**. YouTube, 4 de out. de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZKFRI4fprXw> . Acesso em: 10 jan. 2023.

SUCUPIRA LINS, Maria Judith da Costa. Educar a pessoa. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 22, n. 74, jul./set., p. 1252-1274, 2022a.

SUCUPIRA-LINS, M.J.C . Educação da Pessoa no contexto cultural escolar, **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.19, n. 59, p. 22-40, 2022b.

VON HILDEBRAND, Dietrich. Gratitude. In **Gratitude Compiled Readings**. Thirteenth Annual Summer Seminar, Franciscan University of Steubenville, 2023, p. 01-20.

VON HILDEBRAND, Dietrich. **The heart**. South Bend: St. Augustine's Press, 2007.

VON HILDEBRAND, Dietrich. **Ethics**. Chicago: Franciscan Herald Press, 1972.

Sobre as autoras

Andreia Nunes de Castro

Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro- (PPGE/UFRJ), Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Mato Grosso Campus Primavera do Leste. E-mail: andreia.castro@ifmt.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6821-3825>

Maria Judith Sucupira da Costa Lins

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ). E-mail: mariasucupiralins@terra.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5404-6061>

Recebido em: 26/02/2024

Aceito para publicação em: 20/05/2024